



SEÇÃO: VARIA

## Entre filosofia e “não-filosofia”: Merleau-Ponty e Claudel

*Between philosophy and non-philosophy: Merleau-Ponty and Claudel*

Cleiton Nery de  
Santana<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-7702-9886](https://orcid.org/0000-0002-7702-9886)  
[nery.sj@hotmail.com](mailto:nery.sj@hotmail.com)

Recebido em: 06/04/2022.  
Aprovado em: 12/07/2022.  
Publicado em: 22/12/2022

**Resumo:** A pesquisa tem por finalidade identificar possíveis relações entre Merleau-Ponty e Claudel. Para responder a esse propósito, no primeiro momento, o trabalho parte da relação entre filosofia e literatura. Tal tematização localiza-se, especialmente, nos textos e cursos produzidos pelo filósofo nos anos 1950. Com isso, no segundo momento, torna-se possível compreender o lugar e a importância de Claudel para o projeto filosófico de Merleau-Ponty.

**Palavras-chave:** Merleau-Ponty. Claudel. Filosofia. Literatura.

**Abstract:** The research aims to identify possible relationships between Merleau-Ponty and Claudel. For this purpose, we will first look at the relationship between philosophy and literature that Merleau-Ponty particularly thematized in his texts and courses during the fifties. It will help, in the second part, to understand the crucial role Claudel played in Merleau-Ponty's philosophical project.

**Keywords:** Merleau-Ponty. Claudel. Philosophy. Literature.

*“Je ne fais pas de différence entre la contribution qu’apporte à la philosophie une oeuvre que le philosophe lit, une oeuvre littéraire, et la contribution qu’apporte à sa philosophie tout ce qu’il voit et tout ce qu’il fait”.*

(Merleau-Ponty)

### Introdução

O modo *sui generis* de Merleau-Ponty fazer filosofia, estrangeiro à prática corrente, não só se torna motivo de questionamento, mas também de admiração por parte dos seus contemporâneos. Sabemos que a sua filosofia, enraizada no corpo e no mundo, busca expressar a própria vida, ou seja, ela tem como tarefa revelar a dimensão escondida ou invisível do mundo. Sabemos também que “o apelo ao originário caminha em várias dimensões: o originário se cliva, e a filosofia deve acompanhar essa clivagem, essa não-coincidência, essa diferenciação” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 122). Portanto, uma vez que a filosofia acompanha continuamente o originário, ela permanece aberta e inacabada.

A literatura – permanecendo no seu estado de “não-filosofia”<sup>2</sup> – não só possui como tarefa desvendar o originário que ela própria nos revela,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup> A expressão está entre aspas pois encontra-se com grafia original preservada.

mas também se encontra em contínuo estado de transformação e nascimento. Assim sendo,

a história da literatura e da filosofia não é apenas história do pensamento, mas história do Ser. [...] porque ele vem de, e se dirige a, essa região abaixo das ideias, a literatura tem uma função insubstituível. Porque é aqui que está o sólido, é aqui que está o duradouro, é aqui que está o Ser (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 204).

Se a tarefa da filosofia e da literatura consiste em dizer o Ser, em tirá-lo do silêncio, logo, não existe fronteira entre elas, nem zona onde termina uma e começa outra. Assim, não devemos unicamente entendê-las em permanente estado de relação, mas, sobretudo, de invasão (*empiètement*) e envolvimento (*Ineinander*) simultâneos. Por conseguinte, implodindo a fronteira existente entre os dois campos de conhecimento, Merleau-Ponty insere nos seus trabalhos filosóficos análises de obras literárias (*e.g. Le roman et la métaphysique*) e comentários a escritores (*e.g. Marcel Proust e Paul Claudel*). No entanto, dentre os vários gêneros literários, o romance e a poesia ocupam um lugar privilegiado na obra do filósofo, porque conseguem romper com as formas convencionais e exercitam uma linguagem sempre inacabada. Sabemos que Marcel Proust se tornou o romancista mais aprofundado e citado por Merleau-Ponty, contudo, provavelmente desconhecemos que, dentre os poetas modernos, Paul Claudel ocupou um lugar importante no seu projeto filosófico. Assim, o movimento do nosso trabalho está em torno da constante pergunta: qual o lugar do pensamento claudeliano na obra de Merleau-Ponty?

Na busca por identificar esse problema nos textos do filósofo, o nosso trabalho se estrutura em duas partes. Na primeira parte, buscaremos compreender a razão pela qual Merleau-Ponty recorre frequentemente à literatura para construir o seu projeto filosófico. O tema da literatura, abordado em nossa exposição, situa-se nos textos produzidos nos anos 1950. Na segunda parte, depois de uma compreensão geral sobre a relação entre filosofia e literatura, situaremos o pensamento poético de Claudel na obra de Merleau-Ponty.

## 1 Entre filosofia e literatura

Desde as primeiras obras até as últimas reflexões, a literatura é referência constante e ocupa importante lugar no pensamento de Merleau-Ponty. Ele integra, ao seu discurso filosófico, análises de obras literárias e alusões a escritores, como Proust, Claudel, Valéry, Stendhal, Simon, Saint-Exupéry, para citar alguns exemplos que encontram lugar no seu projeto filosófico. O filósofo recorre à literatura porque reconhece que "a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e, nesse sentido, uma história narrada pode significar o mundo com tanta 'profundidade' quanto um tratado de filosofia" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 19).

Em literatura, sua referência é a literatura moderna. Por moderno, ele compreende a literatura "dos últimos cinquenta ou setenta anos" (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 1). Podemos dizer que a escolha pela literatura moderna se deve a três razões: a literatura moderna recusa a ideia de imitação, o escritor moderno retorna ao mundo da vida e a literatura moderna apresenta uma incompletude do conhecimento. A literatura moderna nos conduz à visão das próprias coisas. Por esse motivo, ela não pode ser uma "imitação do mundo, mas um mundo por si mesmo" (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 58). A segunda razão nos mostra o interesse do escritor em buscar descrever o mundo da vida. O escritor moderno nos convida a "fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer" (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 2). A terceira e última razão nos faz conceber o escritor e a sua obra como expressão de inacabamento. O filósofo nos diz que

o coração dos modernos é, portanto, um coração intermitente e que nem mesmo consegue se conhecer. Entre os modernos, não são apenas as obras que permanecem inacabadas, mas o mundo mesmo, tal como elas o exprimem, é como se fosse uma obra sem conclusão, da qual não sabemos se jamais comportará uma (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 70).

Se a literatura moderna nos descreve "um mundo por si mesmo", um mundo em que vivemos e que é inacabado, é porque, ao empregar

as palavras para expressar o mundo vivido, ela modifica o uso cotidiano da linguagem. Merleau-Ponty compreende que o uso da linguagem em literatura, isto é, a passagem da linguagem ao sentido nos viabiliza a clarificação da realidade. Para melhor compreender essa passagem da linguagem ao sentido, ele nos coloca um exemplo buscado em Mallarmé, distinguindo a tagarelice cotidiana da utilização poética da linguagem. A pessoa tagarela simplesmente diz o nome das coisas na tentativa de indicá-las, de expressar aquilo que percebe. Para o tagarela, a linguagem é usada unicamente para representar uma coisa por seu nome. O poeta, diferentemente do tagarela, procura substituir o nome correto das coisas por um "gênero de expressão" que busca descrever essencialmente as coisas percebidas, nos forçando a entrar nelas (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 63). No momento em que a linguagem busca narrar poeticamente o mundo vivido, ela carrega em si um conceito filosófico. Dessa forma, *na* linguagem literária e *pela* linguagem literária a verdade nos é narrada.

A noção de verdade, em literatura, não está relacionada com o seu exterior. Desfazendo-se da ideia de correspondência, presente no modelo clássico, a literatura moderna

nos conduz às coisas mesmas na exata medida em que, antes de *ter* uma significação, ela *é* significação. Se só lhe concedemos sua função segunda, é que supomos dada a primeira, é que a elevamos a uma consciência da verdade da qual ela é em realidade a portadora (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 44-45, grifo do autor).

Dado que a literatura porta a verdade, não podemos, pela via direta, ter acesso a esta verdade que nela está presente. O filósofo compreende que o movimento em busca da verdade, em literatura, é indireto, pois a verdade, na experiência sensível, permanece insuficiente quando o sujeito percipiente não consegue descrever todas as coisas percebidas. Assim, pelo movimento indireto, a linguagem literária "exprime tanto pelo que está *entre* as palavras quanto pelas próprias palavras, tanto pelo que não diz quanto pelo que diz" (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 87, grifo do autor).

Como podemos perceber, a linguagem lite-

rária, enquanto expressão do sensível, procura mostrar a verdade, por isso, o escritor "tem, por tarefa, definitivamente, traduzir estas palavras, essa voz, esse acento cujo eco cada coisa ou cada circunstância lhe envia" (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 118). É no silêncio das coisas que se encontra presente uma palavra, palavra silenciosa, que o escritor precisa desvelar. Uma vez que a origem das coisas e do mundo, em literatura, se diz metaforicamente, o escritor, ao descrever, não só transforma em linguagem universal o mundo vivido, mas também cria a verdade. Merleau-Ponty, pela via da filosofia, também procurou "traduzir estas palavras" presentes no silêncio para criar a verdade.

Sabemos que Merleau-Ponty, diferentemente de outros filósofos franceses que foram seus contemporâneos, não escreveu romance nem autobiografia. Ele se sabia filósofo. No entanto, tinha como projeto escrever uma obra sobre o signo e a prosa e mais cinco percepções literárias, considerando os seguintes autores: Montaigne, Stendhal, Proust, Breton, Artaud. Em

uma nota não datada, mas que já traz o título de *Prosa do mundo*, sugere que, um pouco mais tarde, ele imagina uma obra considerável, dividida em vários volumes, cujo objeto seria aplicar as categorias de prosa aos registros da literatura, do amor, da religião e da política (LEFORT, 2012, p. 16).

Embora Merleau-Ponty não tenha acabado este livro, o seu interesse em escrever *A prosa do mundo* nos faz descobrir um desdobramento de seu pensamento.

Esse desdobramento do pensamento se confirma quando, por ocasião da sua candidatura ao *Collège de France* em 1951, ele remete à Martial Gueroult um relatório expondo a sua trajetória intelectual e, ao mesmo tempo, apresentando um projeto de ensino. Na apresentação desse balanço e projeto, é possível perceber o seu interesse crescente pelos temas da literatura e da linguagem. Como projeto de ensino no *Collège de France*, ele propõe trabalhar os temas da expressão e da verdade. Sobre a expressão e a verdade, ele afirma que "devemos, portanto, ver aparecer o pensamento na linguagem, e talvez

até a linguagem nos modos de expressão pré-linguísticos, que ela transforma, mas que continua" (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 27). A passagem da expressão pré-linguística à linguagem é apresentada a Gueroult com as seguintes palavras:

não a entendemos como uma redução da segunda à primeira. A comparação, muitas vezes feita hoje, entre a expressão pictórica e a linguagem (incontestável, além disso, quando se trata do uso literário e poético da linguagem) deixa em aberto a questão da originalidade da linguagem nas suas formas exatas, ela pode precisamente permitir-nos destacar o que as distingue absolutamente, e, portanto, não supõe que o problema esteja resolvido. O pintor realiza uma operação expressiva que está sempre por recomençar, pois nenhuma pintura resume as demais, e por assim dizer, não está acabada. Quando eu falo e penso, pelo contrário, parece-me que eu possuo realmente aquilo que digo, que o tomo na mão (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 29-30).

Conforme nos expõe Merleau-Ponty, a partir da comparação entre a linguagem pictórica e a linguagem literária, o pintor, ao criar uma obra, recria uma linguagem pictórica, enquanto o escritor, no ato da criação, emprega uma linguagem instituída para dizer aquilo que ainda não foi dito. Por esse motivo, a linguagem literária nos diz, sempre de um modo novo, a verdade. Merleau-Ponty, com essa apresentação do projeto de ensino para a sua candidatura ao *Collège de France*, nos revela o seu interesse em dedicar-se, de forma mais significativa, à pesquisa e ao ensino do tema da linguagem em literatura.

Estabelecido este contexto mais geral, em que o tema da literatura se insere na obra de Merleau-Ponty, retomamos a nossa indagação anterior sobre o lugar de Claudel na obra de Merleau-Ponty. Assim, situaremos na obra de Merleau-Ponty a presença do pensamento claudeliano e introduziremos as implicações desta presença para o pensamento do filósofo.

## 2 Entre Merleau-Ponty e Claudel

Qual o lugar de Claudel na obra de Merleau-Ponty? Podemos começar afirmando que Claudel está *por toda parte e em parte alguma* na obra de Merleau-Ponty. Dizemos que ele está *por toda parte* porque "a obra de Merleau-Ponty –

com exceção, talvez, de seu pensamento político – cruza recorrentemente o mundo claudeliano" (CASTIN, 1997, p. 84-92). Ela não está *em parte alguma* porque ele não dedica um texto aprofundando, especialmente, ao pensamento claudeliano. Na tentativa de situar o lugar de Claudel na obra de Merleau-Ponty, podemos perceber que desde *A Estrutura do Comportamento* até às últimas páginas de *O Visível e o Invisível*, quase não existe "meditação que não inclua uma citação do poeta, dramaturgo ou crítico de arte a quem o filósofo rendeu uma eloquente homenagem póstuma, coletada em *Signos*" (CASTIN, 1997, p. 84-92, grifo do autor).

Em sua coletânea *Signos*, o filósofo presta uma homenagem póstuma a Claudel, cuja obra tocou "tantos homens alheios às suas crenças" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 356). Nesta homenagem, começa enaltecendo o poeta com as seguintes palavras:

Se o gênio é aquele cujas palavras têm mais sentido do que ele mesmo lhes podia dar, aquele que, ao descrever os relevos de seu universo privado, desperta nos homens mais diferentes dele uma espécie de rememoração daquilo que está dizendo, como o trabalho dos nossos olhos desenvolve ingenuamente à nossa frente um espetáculo que também é o mundo dos outros, Claudel foi às vezes um gênio (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 352).

O que Merleau-Ponty nos quer dizer com a expressão "às vezes"? Ele nos diz que "falar de gênio é postular que um homem pode ser do mesmo estofado do que escreve, e que ele produziu como uma macieira produz maçãs" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 353). Em Claudel, na concepção do filósofo, era diferente. Ao buscar compreender esta separação em Claudel entre vida e obra, ele se pergunta "por que o mais 'aberto' dos poetas habita o mais fechado dos homens?" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 356). Sabemos que a fé em Claudel é doutrinal, teológica e total, o que o torna intransigente e, em algumas situações, intolerável na relação com os seus contemporâneos. "Ele decepcionou quase todos aqueles que recorreram a ele para se desobrigarem do cuidado de serem eles mesmos" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 353). Em relação a André Gide, por exemplo,

Claudel chegou até mesmo admoestar que re-negasse a homossexualidade, sob a ameaça de romper com a amizade. Se a vida de Claudel nos mostra um homem intransigente e intolerável nas suas relações, afirma o filósofo, a sua obra, mas especificamente "o mundo dos dramas é o menos convencional, o menos razoável, o menos <teológico> possível" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 355). Sobre o paradoxo entre uma vida fechada e uma obra aberta, em Claudel, o filósofo termina nos dizendo que "a esse movimento arrebatado que impele os leitores para ele, como se ele fosse um sacramento, o autor só pode responder erguendo barricadas" (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 357).

Muito embora tenhamos começado a nossa apresentação situando o lugar de Claudel na obra de Merleau-Ponty, por meio deste texto que é uma homenagem póstuma, o poeta ocupa um lugar muito mais importante no seu projeto filosófico. Percorrendo as obras de Merleau-Ponty, através das citações feitas, podemos perceber a constante presença de Claudel nas suas reflexões. No entanto, ao trazer o pensamento claudeliano para a sua reflexão, assim como faz com outros pensadores, "o filósofo nunca apresenta sua concordância ou discordância sem ter, antes, trilhado a necessidade interna que sustenta o pensamento de um outro e sem ter, antes, incorporado o movimento discursivo das ideias de outrem" (CHAUÍ, 2002, p. 46). Assim, podemos compreender que cada nova ideia apresentada por Merleau-Ponty – a partir da leitura de Claudel – fez nascer nele outras ideias, pois "o texto lido por Merleau-Ponty estava abrindo caminho para um texto novo, para uma escrita nascida no correr da leitura. A reflexão em outrem não é, portanto, apropriação intelectual do pensamento de um outro" (CHAUÍ, 2002, p. 46).

A presença do pensamento claudeliano na obra de Merleau-Ponty não se reduz a uma apropriação de ideias, mas, ao contrário, esta leitura feita pelo filósofo possibilita o surgimento de um novo pensamento. Seguindo essa perspectiva, podemos nos perguntar: qual é este novo pensamento surgido a partir da meditação claudeliana?

Ou, perguntando de outro modo, quais são as implicações da presença do pensamento claudeliano para o projeto filosófico de Merleau-Ponty? Podemos perceber que as referências feitas a Claudel ao longo dos seus trabalhos

revelam uma congruência íntima entre certas abordagens compartilhadas, um território comum fecundo, que daria conta de uma série de teses desenvolvidas na *Art Poétique* claudeliana; evocam de maneira às vezes confusa aquelas que Merleau-Ponty levaria à sua conclusão teórica cerca de cinquenta anos depois (CASTIN, 1997, p. 84-92, grifo do autor).

Merleau-Ponty, como podemos perceber na citação acima, compartilha com Claudel certas abordagens. Essa relação entre os dois pensadores é possível porque Merleau-Ponty, desde a sua juventude, pôde frequentar e absorver os livros de Claudel. Simone de Beauvoir, em suas memórias, nos confirma que o jovem filósofo apreciava os mesmos livros que ela, em geral, "com uma predileção especial por Claudel" (BEAUVOIR, 2015, p. 218). Entre os vários livros lidos e absorvidos de Claudel, as teses desenvolvidas em *Art Poétique* marcaram profundamente o pensamento de Merleau-Ponty. Desta obra filosófica e abstrata, ele é seduzido especialmente pela teoria claudeliana do tempo e do conhecimento. Em *Fenomenologia da Percepção*, no capítulo acerca da temporalidade, inicia com uma citação claudeliana: "O tempo é o *sentido da vida*" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 549, grifo do autor). Ele comenta essa afirmação "substituindo a simultaneidade cósmica pela 'coesão de uma vida' [...] e o eterno presente pelo presente vivo" (TILLIETTE, 1994, p. 705-721). Em *O Visível e o Invisível*, o veremos do mesmo modo recorrer à noção claudeliana do tempo para construir o seu projeto filosófico. Assim, a noção claudeliana de tempo acompanha, dos primeiros aos últimos trabalhos, a reflexão de Merleau-Ponty acerca da temporalidade.

Quanto à noção claudeliana de conhecimento, Merleau-Ponty, em *A Estrutura do Comportamento*, apresenta, pela primeira vez, a sua compreensão das ideias presentes em "Traité de la co-naissance au monde et de soi-même". A noção

de conhecimento (*co-naissance*) – este vocábulo de construção original que une nascimento (*nais-sance*) e conhecimento (*connaissance*) dentro de um pensamento de co-existência generalizada – acompanha a reflexão merleau-pontyana dos primeiros aos últimos trabalhos. Nos primeiros trabalhos, particularmente em *Fenomenologia da Percepção*, a noção de conhecimento é apresentada sob a perspectiva fenomenológica: associando a sensação ao conhecimento. Já nos últimos, especialmente em *O Visível e o Invisível*, a noção de conhecimento é apresentada sob a perspectiva ontológica: associando a noção de carne ao conhecimento.

### Considerações finais

Apresentamos algumas implicações do pensamento de Claudel na obra de Merleau-Ponty. Começamos apresentando a relação entre filosofia e literatura, para chegarmos, enfim, a este momento: a relação entre Merleau-Ponty e Claudel. Neste caminho percorrido, do geral ao particular, podemos perceber que a leitura do pensamento claudeliano inaugura em Merleau-Ponty um novo pensamento. Merleau-Ponty não só pensa *com* Claudel, mas *para além* de Claudel, as noções de tempo e conhecimento.

A partir do exposto vê-se que – desde as primeiras obras até os últimos trabalhos – a literatura é uma referência constante no pensamento de Merleau-Ponty. Ela não só motiva a sua reflexão, mas o faz avançar por direções que ele não necessariamente havia previsto. A literatura tem um mundo comum com a filosofia, porque nessa relação fecunda encontra-se o elo entre visível e invisível, sensível e inteligível, carne e ideia. Ao implodir as fronteiras entre filosofia e literatura, Merleau-Ponty procura dar voz ao silêncio e dizer o indizível em seu projeto filosófico. Assim, a dizibilidade do ser permite-nos ouvi-lo por fora e por dentro e, através do nosso corpo, expressá-lo pela linguagem literária. Sem a expressão literária, o ser permaneceria silencioso no mundo.

Sabemos que Merleau-Ponty integra nos seus textos e discursos filosóficos análises de obras literárias e alusões a escritores e poetas. Igual-

mente conhecemos que Claudel ocupa um lugar importante em sua reflexão. A relação entre Merleau-Ponty e Claudel se transfigura na busca por revelar – cada um ao seu modo – a gênese do sentido. Portanto, a hipótese que guiou nosso trabalho era a de que filosofia e literatura, Merleau-Ponty e Claudel, têm a mesma tarefa de descrever pela palavra o mundo da vida, para tirá-lo do silêncio.

### Referências

- BARBARAS, Renaud. Fenomenologia e literatura: a não-filosofia de Fernando Pessoa. In: *Investigações fenomenológicas: em direção a uma fenomenologia da vida*. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 213-229.
- CASTIN, Nicolas. Le promeneur claudélien. In: SIMON, A.; CASTIN, N. (org.). *Merleau-Ponty et le littéraire*. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1997. p. 84-92.
- CHAUÍ, Marilena. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- CLAUDEL, Paul. *Art poétique*. Paris: Gallimard, 1984.
- LEFORT, Claude. Prefácio. In: MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do mundo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 9-23.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas: 1948*. Tradução de Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Notes de cours (1959-1961)*. Paris: Gallimard, 1996.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Arthur Giannotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Titres et travaux. Projet d'enseignement. In: *Parcours deux 1951-1961*. Paris: Éditions Verdier, 2000. p. 9-36.
- TILLIETTE, Xavier. Claudel philosophe. *Gregorianum*, Roma, v. 75, n. 4, p. 705-721, 1994.

---

### Cleiton Nery de Santana

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Cleiton Nery de Santana  
Rua Joaquim Távora, 686  
Vila Mariana, 040150-11  
São Paulo, SP, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá  
Comunicação e submetidos para validação do autor  
antes da publicação.*